

Telecinesia: A Maior Força do Universo

Desde criança tinha um certo controle dos meus sonhos. Não chegava ao ponto de poder dizer que estava consciente neles, mas nos momentos em que estava semi-acordado conseguia “rebobinar a fita”, voltar para a parte que eu estava gostando e vivenciá-la novamente inúmeras vezes dentre outras coisas similares. Nunca ouvi ninguém falar sobre isso e nunca comentei com ninguém, apenas achava algo divertido.

Sempre pensei em sonhos como ensaios para a realidade, embora tenha lido que é quase o contrário. Os acontecimentos que ocorrem no dia a dia que servem de inspiração para que o nosso subconsciente os elabore. Neles podemos vivenciar tanto coisas boas quanto ruins. Lembro-me de ter mais de um sonho repetitivo naquela época. Uma queda de penhasco era um deles quando bem jovem, também uma invasão alienígena em que eu pulava de um pequeno muro no meu antigo apartamento para fugir de uma perseguição; ambos provavelmente fruto dos filmes produzidos naquele distrito de Los Angeles, na Califórnia, conhecido como Hollywood, que eu assistia frequentemente. Algumas vezes é difícil classificar um sonho como bom ou ruim, porque ele pode nos trazer emoções contraditórias. Por exemplo, a pior coisa que já me aconteceu na minha vida foi a morte do meu pai. Sonhava com ele muitas vezes e, por alguns segundos depois de acordar, acreditava que ainda estivesse vivo para depois “cair na realidade”. Ao que parece, alguns sonhos também podem ser bons e ruins ao mesmo tempo.

Uma coisa que me incomodava e acontecia com muita frequência enquanto permanecia na dimensão onírica é descobrir algo que julgava extremamente importante ou interessante enquanto sonhava e, ao acordar, reter essa sensação sem conseguir me lembrar do que eu havia “descoberto”. Isso acabou

se tornando uma verdadeira obsessão e com o passar do tempo tentava recuperar esse tipo de informação dos sonhos com mais afinco, sempre me considerando cada vez mais proficiente no processo e mais perto de lograr êxito e lembrar daquele diferencial vívido que acontecia enquanto dormia, mas sem nunca conseguir. Provavelmente estava apenas confundindo movimento com progresso e continuava distante dessa realização, mas nem por isso eu tinha a intenção de desistir do meu intento.

Essa devia ser a mesma frustração de Zenão, ao tentar cruzar certa distância ponto a ponto, até chegar ao seu destino consoante uma peculiar regra de movimentação, que deu origem ao paradoxo que levou seu nome. O paradoxo de Zenão é mais facilmente entendido por meio de um exemplo que encontrei na Wikipedia. Imagine um atleta que deseja correr uma distância de 60 metros. Para alcançar o final do percurso, ele precisa, primeiramente, passar pelo ponto correspondente a metade do trajeto ($1/2$). Em seguida, deve atingir o próximo ponto, situado a dois terços ($2/3$) do percurso, depois três quartos ($3/4$), e assim sucessivamente: quatro quintos ($4/5$), cinco sextos ($5/6$), trinta e um trigésimo primeiro ($30/31$), até alcançar posições cada vez mais próximas do fim, como o ponto ($199/200$) e, "por fim", ($5647/5648$), o que equivale numericamente a aproximadamente 59,9893798 metros. Dessa forma, o número de pontos que o atleta precisa alcançar antes de chegar ao final tende ao infinito. Como o conceito de infinito, contudo, é uma abstração matemática que representa algo sem limites nos defrontamos com a parede de um paradoxo. Na verdade, como a maioria deles, se tratava de um aparente paradoxo. Entretanto, pensando dessa forma, o atleta jamais alcançaria o final do percurso de 60 metros, pois teria de percorrer uma infinidade de pontos intermediários. Caso ele conseguisse chegar ao final, isso implicaria que o infinito teria um limite definido – uma contradição lógica¹.

Voltando a minha própria história, o fim dos meus esforços foi determinado quando eu, subitamente e sem explicação, parei de sonhar, ou melhor, quando parei de me lembrar de meus sonhos, visto que a ciência moderna acredita que sonhamos várias vezes durante o sono REM², ainda que não sejamos capazes de lembrar isso. Em minha última tentativa tive a mais forte impressão de ter "quase" conseguido me lembrar daquele aprendizado instigante que "tocava" ao sonhar, mas com o fim dessas lembranças de minha

atividade noturna não fui capaz de tentar novamente. O hábito que criei de me esforçar para sempre trazer lembranças do que acontecia em minha mente enquanto dormia parecia quase ter obtido frutos, mas algo me impediu pouco antes de obter sucesso. Não estou sugerindo a existência de uma força consciente que me fez “parar de sonhar”, mas algum tipo de barreira natural que impedia quem estivesse perto desse tipo de conquista de realmente obtê-la. Eu ainda tive lembranças de alguns sonhos durante os anos que se seguiram, uma ou duas vezes por ano, por alguns segundos antes de acordar ou, talvez, até menos. Mesmo assim, isso nunca saiu completamente de minha mente.

Um dia, muito tempo depois, com 47 anos de idade, algo aconteceu. Acordei de forma abrupta com as memórias de algo incrível que eu fizera em um sonho. Tratava-se de mover objetos sem tocar neles. E eu lembrava não só da sensação, mas também de como eu fazia para movê-los no meu devaneio. Eu sempre pensei que minha mente nunca descansara, desde a infância, de tentar trazer algo incrível que fazia enquanto sonhava e, aparentemente, eu estava certo. Para não perder a memória e só por puro exercício diletante tentei repetir mentalmente o que fazia enquanto dormia quando movia objetos. Tinha adormecido na minha escrivaninha, onde possuía uma pequena bola de metal, um brinquedo que ficava movendo com os dedos junto com outras similares, uma técnica chinesa de relaxamento. Estava com a cabeça deitada sobre a mesa enquanto olhava para ela e, quase inconscientemente, tentei movê-la. Ela se moveu um pouco, mas eu me movi muito porque caí da cadeira de susto ao vê-la atender ao meu comando.

Depois disso continuei tentando, brincando por horas e horas, lentamente, conseguindo cada vez mais facilmente mover o objeto sobre a mesa. Depois de já estar cansado, por não ter mais dormido, comido ou mesmo ido ao trabalho, tentei racionalizar o que estava acontecendo. O problema é que a ciência não explica a telecinesia, a Física nunca teorizou sobre como um objeto poderia se mover sem a ação direta de uma força conhecida sobre ele. Não a Física dos nossos dias! Talvez no futuro teorias fossem idealizadas, mas não poderia contar com elas no momento. Como eu deveria entender algo assim partindo do nada?

Saber utilizar algo não é o mesmo que compreender o seu funcionamento. Imagine como movemos nossos membros, por exemplo.

Como você explicaria a alguém como mexer um braço ou um dedo se ele não conseguisse sozinho? Mesmo tendo a teoria isso seria um desafio e tanto. No caso em tela, o nosso cérebro envia impulsos elétricos por meio do nosso sistema nervoso obtendo a contração de um ou mais músculos e como resposta é produzindo o movimento. Além disso, a força exercida é proporcional a quantidade de impulsos enviados pelo encéfalo por segundo.

No entanto, entender os princípios por trás do funcionamento de algo pode ajudar a controlá-lo melhor e, nesse caso, aumentar o leque de opções dessa habilidade. Pensei nas quatro forças fundamentais do Universo para tentar formular uma teoria, pois elas estão envolvidas fundamentalmente em quase todos os fenômenos físicos conhecidos. Descartei a Força Nuclear Forte e a Força Nuclear Fraca por entender que, por suas características intrínsecas, não me ajudariam a construir uma explicação para os princípios da telecinesia. Quanto à Gravidade e o Eletromagnetismo, ambas são forças invisíveis cujo funcionamento poderia ser útil para a elaboração de uma Teoria Geral da Telecinesia.

Eu me considero quase um físico amador, embora meu trabalho não envolva esse ramo da ciência ou qualquer um de fato, pois ele sempre foi meramente administrativo. Entretanto, tenho bastante conhecimento na área, por isso encarei o desafio de entender e explicar o fenômeno por curiosidade e, talvez, para obter um melhor proveito do que havia descoberto, pois algo me dizia que esse seria o meu destino. Talvez na teoria, talvez na prática ou em ambos, mas de algum modo sabia que meu futuro seria a exploração disso. Tendo em mente essa missão, fiz desse meu projeto de vida a partir daquele momento. Pedi licença do meu trabalho (para o qual nunca mais retornei) e comecei a viver como um pesquisador autônomo, já que por ser previdente possuía fundos para me manter durante essa tarefa que, com certeza, não seria fácil. Como um verdadeiro cientista, nos meses que se passaram me dediquei a meus estudos, sendo que primeiro pensei na força invisível da gravidade como modelo para explicar o novo fenômeno que havia descoberto.

A força da gravidade na superfície da Terra é a manifestação da interação gravitacional entre ela e os objetos próximos. Essa força é descrita pela segunda lei de Newton, $F=m \cdot a$, onde "m" é a massa do objeto e "a" é a aceleração devido à gravidade, "g", que na Terra é aproximadamente $9,8\text{m/s}^2$. Embora,

em termos mais precisos, esse seja apenas um valor de referência, pois a gravidade da Terra sofre variações aumentando ou diminuindo um pouco dependendo do ponto da superfície onde você estiver e da respectiva distância dele ao núcleo do planeta.

Essa aceleração implica que, para um corpo em queda livre (desconsiderando a resistência do ar, que pode ser bastante significativa, como no caso de um paraquedas), sua velocidade aumenta em $9,8\text{m/s}^2$ a cada segundo. Por exemplo, após 1 segundo de queda, a velocidade será $9,8\text{m/s}$, após 2 segundos $19,6\text{m/s}$, e assim por diante. Galileu demonstrou que a aceleração devido à gravidade é constante para todos os objetos próximos à superfície terrestre, independentemente de sua massa e essa parecia ser uma semelhança com a telecinesia, pois a massa também não aparentava influenciar em seus efeitos. Em resumo, eu poderia mover tudo que eu acreditasse que conseguia e, se minha "crença" mudasse, os efeitos também mudavam. O limite era a própria imaginação, pois inicialmente não conseguia mover grandes objetos, mas depois o fiz com facilidade apenas por acreditar que poderia, não como resultado de um treinamento para isso.

Voltando à gravidade, a força gravitacional que a Terra exerce sobre um objeto depende de sua massa. Para calcular essa força em *newtons*, usamos a fórmula $F=m \cdot g$. Por exemplo, um objeto com massa de 10 kg experimentará uma força gravitacional de $F=10 \cdot 9,8=98\text{N}$.

A aceleração gravitacional na superfície da Terra, " g ", pode ser calculada usando a Lei da Gravitação Universal de Newton, onde $g = G \cdot M/R^2$. Nessa fórmula " G " é a constante gravitacional, " M " é a massa da Terra e " R " é o raio médio do planeta. É assim que chegamos ao valor aproximado de $9,8\text{m/s}^2$ e por esse motivo, como disse anteriormente, ela varia conforme o ponto em que se está no planeta, por ser uma combinação da massa da Terra e da distância até seu centro.

Acabei chegando à conclusão que, apesar de algumas semelhanças, esse não era o caminho correto para entender a telecinesia. Algo me dizia que a resposta estaria mais próxima do eletromagnetismo do que da gravidade, até porque esta, por ser a mais fraca das forças primordiais, para produzir um efeito mensurável, precisaria operar grandezas com massas de proporção planetárias. Só para comparar, um ímã de geladeira produz mais força eletromagnética do que todo o planeta Terra exerce efeito

gravitacional em um pequeno corpo. A deformação que tem de ser produzida no espaço para um efeito gravitacional significativo é imensa e com certeza não seria possível explicar o que eu havia descoberto dessa forma.

Lembrei que na antiguidade, histórias de feiticeiros e bruxas, traziam essa habilidade em suas lendas. Eu tinha certeza que a descoberta desse poder não era inédita e que, no passado, existia essa prática em certos círculos, talvez ainda permaneça em um submundo secreto de uma cidade antiga. Eu também acreditava que essa força sempre foi subestimada, devido à falta de entendimento dos poucos que, possivelmente, conseguiram manejá-la através da história. Por esse motivo achava importante continuar tentando explicar seus princípios e suas mínimas manifestações. E com isso, comecei minhas suposições do seu funcionamento comparando-a com as propriedades do eletromagnetismo.

A força eletromagnética é responsável por todas as interações entre partículas carregadas eletricamente, bem como pelos fenômenos magnéticos. Ela governa uma ampla gama de processos no Universo, desde a interação entre átomos até o comportamento de campos magnéticos em galáxias. Eu acreditava que, dada a similaridade, a explicação definitiva para a telecinesia se encontrava justamente na interação entre os átomos. A força elétrica surge entre partículas carregadas eletricamente, ao passo que a força magnética surgia quando partículas carregadas estavam em movimento relativo (como em uma bobina, em nosso universo macroscópico). A força elétrica entre duas cargas é descrita pela Lei de Coulomb, cujas peculiaridades merecem uma extensa digressão. Ela poderia ser atrativa (com cargas com sinais opostos) ou repulsiva (com cargas de mesmo sinal). Por sua vez, quando uma carga elétrica está em movimento, ela gera um campo magnético. Esse campo pode interagir com outras cargas ou correntes elétricas próximas, gerando uma força magnética. Esse conceito envolve a carga elétrica, a velocidade dela, a intensidade do campo magnético e o ângulo entre a velocidade da carga e o próprio campo magnético. Um modelo que parecia se ajustar muito bem a esse novo poder que havia descoberto para a formulação de uma teoria.

Entretanto, isso só é possível hoje porque um cientista de nome Maxwell unificou os entendimentos sobre os fenômenos elétricos e magnéticos. Ele estabeleceu verdadeiras leis sobre o

comportamento da interação desses efeitos. Explicou que cargas elétricas criam campos elétricos, correntes elétricas (cargas em movimento) criam campos magnéticos e, finalmente, que campos elétricos variáveis no tempo podem gerar campos magnéticos e vice-versa. Isso tudo baseado na observação de como a força eletromagnética atuava. O modelo padrão de estudo dele era genial e exatamente o que eu precisava para entender os efeitos da telecinesia. No campo "nanoscópico", podemos observar que, em átomos e moléculas a força eletromagnética mantém os elétrons ligados ao núcleo do átomo, bem como governa as ligações químicas entre eles. Em correntes elétricas a força magnética gerada por elas é responsável pelo funcionamento de motores elétricos e geradores. Em ondas eletromagnéticas a oscilação de campos elétricos e magnéticos dá origem à luz e a outras ondas eletromagnéticas, como micro-ondas e raios X. No magnetismo ímãs permanentes e eletroímãs são exemplos do efeito magnético de partículas carregadas em movimento. A força eletromagnética é significativamente mais intensa do que a gravidade. Por exemplo, a força eletromagnética entre dois prótons em um núcleo atômico é aproximadamente 10^{36} mais forte do que a força gravitacional entre eles. Isso ocorre devido à dependência da força da gravidade à quantidade de massa, o que resulta em efeitos ainda mais reduzidos ao lidarmos com elétrons, que possuem uma massa cerca de 1840 vezes menor do que a dos prótons.

Não é por acaso que, devido à sua natureza fundamental e ampla aplicabilidade, a força eletromagnética é uma das principais fundações da física moderna e das tecnologias que utilizamos diariamente. Esse modelo serviu como base para minha teoria telecinética.

Muitos anos se passaram até que eu finalmente conseguisse entender perfeitamente o funcionamento da telecinesia desde suas mínimas manifestações até seus potenciais efeitos em nível cósmico. Todo o estudo valeu a pena porque após essa compreensão o meu domínio sobre ela se tornou praticamente absoluto e não havia nada que eu não pudesse fazer. Minha fundamentação, embasada na física de partículas, decorria basicamente de uma análise dos paralelos entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental. Uma forma de pensar na mesma linha da realizada por Fritjof Capra, em seu livro "O Tao da Física", há mais de 30 anos e um conteúdo teórico que nessas três décadas jamais foi invalidado por nenhuma descoberta recente no campo da Física.

Algo que li quando tinha cerca de 25 anos de idade.

Em resumo, a resposta estava mesmo no microverso, no universo subatômico, na interação entre os átomos e em partículas menores ainda, como *mesóns*, *bósons*, *táquions* e em outros conceitos importantes na física de partículas e na física quântica teórica.

Embora meu caminho para o conhecimento tenha sido guiado pelas teorias que envolvem o eletromagnetismo, todo o entendimento acabou sendo unificado, concedendo-me uma nova perspectiva sobre o Universo. De forma menos abstrata e extremamente resumida, os *mésosns*, pertencentes à família dos *hádrons* e formados por um *quark* e um *antiquark*, interagem por meio da força nuclear forte, mediando a coesão entre *prótons* e *nêutrons* nos núcleos atômicos. Os *bósons*, por sua vez, estavam associados à força nuclear fraca, enquanto os *fótons* agiam pela interação eletromagnética. Já os *glúons* eram responsáveis por "colar" o microverso através da interação nuclear forte, enquanto os hipotéticos *grávitons* representavam a verdadeira essência da gravidade.

Acima de todas essas interações, porém, estava a telecinesia em nível subatômico, capaz de alterar o comportamento de qualquer uma dessas partículas à minha vontade. E eu conseguia fazer isso. Eu podia influenciar até mesmo partículas hipotéticas para a ciência, como os *táquions*, ou ainda as recém-descobertas, em 2012, *partículas de Higgs*, que conferem massa às partículas elementares. Com a telecinesia, eu podia criar qualquer coisa, exercer qualquer força e manipular as estruturas mais fundamentais do Cosmo.

Como se pode perceber, fundamentei toda a telecinesia na física de partículas, o substrato – ou melhor, o rio – no qual o barco da física quântica navega. No entanto, todas as comprovações práticas começaram com aquela mesma bolinha de metal com a qual eu brincava entre as mãos e que estava sobre a mesa quando despertei quase 10 anos atrás, logo após descobrir esse poder.

Testei a maioria das minhas teorias por anos utilizando apenas aquela bolinha. No início, é claro, realizei experimentos levantando vários objetos, alguns de grandes proporções e pesados. Mas, à medida que comecei a entender como a telecinesia realmente funcionava, decidi me concentrar exclusivamente naquela bolinha. Esse foco tinha o objetivo de estabelecer um

limite físico para algo que, paradoxalmente, parecia não possuir limites.

Após esse período, utilizando essa força, posso dizer que toda a estrutura fundamental do Universo estava sob meu comando. Eu era capaz de replicar qualquer efeito que pudesse imaginar no mundo real, manipulando diretamente essa estrutura. Por exemplo, se desejasse lançar um raio, bastava criar um fluxo de elétrons entre mim e o objeto a ser eletrocutado. Se quisesse gerar calor, bastava agitar as moléculas; para produzir frio, eu simplesmente as desacelerava. Se o objetivo fosse alterar a forma de um objeto, tudo o que eu precisava fazer era modificar sua estrutura atômica. Foi o caso daquela bolinha de metal na minha mesa, que ao longo dos anos se transformou em um cubo, foi derretida, congelada e submetida a incontáveis alterações, chegando até a ser convertida em ouro. Esse último experimento, além de rentável, era muito interessante para exemplificar que não havia diferenças consideráveis na forma de utilizar esse poder para gerar todos esses efeitos. Para transmutar um elemento no outro eu apenas exercia força telecinética nos *prótons* e *nêutrons* dele. Ocorre que o chumbo possui número atômico igual a 82, ao passo que o ouro, 79. O processo consistia apenas em mover de cada elemento do chumbo 3 *prótons* e 3 *nêutrons* para fora de seu núcleo e ele se transformaria "magicamente" em ouro.

Além disso, minhas habilidades físicas também se tornaram ilimitadas por meio do controle atômico. Eu podia ouvir sons a quilômetros de distância, alinhando os átomos ao longo do caminho para melhorar a condução das vibrações. Da mesma forma, podia aprimorar minha visão manipulando a reação dos *fótons*. Eu podia interagir com máquinas e computadores, controlando os *elétrons* e os registradores em seus circuitos.

Ainda mais impressionante, eu poderia alterar os mecanismos que determinam a vida. Acabar com a tirania do encurtamento dos telômeros e reformular a forma como age a telomerase³ nos organismos. Superar o Limite de Hayflick⁴, que define a longevidade celular. Em essência, não havia restrições para esse poder.

O sentimento é semelhante ao que eu tinha quando, na infância, brincava de representar os números de 0 a 100 utilizando apenas o algarismo 4. A diferença é que, neste caso, o "algarismo 4"⁵ é a telecinesia, que agora utilizo para realizar

qualquer coisa.

Assim como no jogo de números, com o conhecimento aprimorado do Universo que adquiri, não existe apenas uma solução para um problema, mas infinitas possibilidades.

Por exemplo, se eu quisesse ver um objeto localizado atrás de mim, poderia, com um simples pensamento, alterar a constante gravitacional universal "G" da Lei da Gravitação Universal que mencionei anteriormente de $6,67408.10^{-11} \text{ N.m}^2/\text{kg}^2$ para um valor equivalente ao de um buraco negro. Isso criaria uma curvatura extrema na luz, permitindo que os raios luminosos se dobrassem e eu enxergasse minhas costas. Contudo, tal alteração traria um pequeno efeito colateral: a destruição do planeta.

Dado o risco, sempre precisei tomar cuidado para não provocar a extinção da vida, a destruição do planeta ou algo ainda mais catastrófico, como o fim do Universo – sobretudo considerando que, com o poder que adquiri, tudo isso poderia acontecer apenas com um pensamento. Por esse motivo, durante quase uma década, limitei todas as aplicações práticas do meu conhecimento ao escopo de uma única bolinha de metal.

A realidade é que existem sempre outros caminhos, mais elegantes, para se alcançar um objetivo. O número de soluções possíveis é diretamente proporcional ao nível de entendimento que temos sobre o processo em questão e o meu era absoluto. Assim como no jogo com o algarismo 4, onde eu conseguia expressar o número 64 (um quadrado perfeito⁶), de diferentes maneiras, como: $64=4 \times (4+4+4+4)+4 \times 4/4$ ou ainda de forma mais simples e refinada: $64=4^2/4$.

De forma análoga, ao invés de alterar a gravidade para observar minhas costas, eu poderia criar um caminho por meio da colisão de átomos, obrigando os fótons a viajar de forma controlada, indo e voltando dos meus olhos até o objeto atrás de mim (embora isso também tivesse um potencial para produzir catástrofes). Outras opções também me ocorriam, pensar em realidades paralelas para encontrar uma solução ou, mais inteligentemente, no deslocamento físico dentro da geometria de uma quarta dimensão. Entretanto, a solução mais elegante, provavelmente, era a que envolvia conceitos da física quântica, como o tunelamento de elétrons.

Princípios que aprendemos desde cedo, como o de que "dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço ao mesmo tempo", são, na verdade, apenas uma simplificação válida sob certas

circunstâncias. Em um universo tridimensional, isso pode ser considerado verdadeiro, mas, à medida que passamos a trabalhar com dimensões superiores, infinitos corpos podem coexistir em nossas coordenadas tridimensionais. Da mesma forma a menor distância entre dois pontos só é uma reta em ambiente plano, pois se pensarmos em um cilindro, por exemplo, esse intervalo seria representado por uma elipse.

O tunelamento de elétrons que mencionei é um fenômeno comprovado, no qual partículas conseguem atravessar barreiras físicas aparentemente intransponíveis. Esse princípio também pode explicar o comportamento de outras partículas, como os neutrinos, que interagem muito fracamente com a matéria e atravessam corpos celestes inteiros sem qualquer dificuldade.

Utilizando o entrelaçamento quântico entre dois pontos no espaço, eu poderia até mesmo fazer com que meus próprios olhos tivessem, fisicamente, a capacidade de ver o que está atrás de mim por compartilharem a mesma posição no espaço.

Entretanto, com toda essa miríade de opções, agora que considero meu trabalho concluído, com todos os frutos que colhi, surge uma questão relevante e desafiadora: o que eu deveria fazer com essas habilidades? Qual seria o propósito da minha existência no plano geral das coisas?

Eu possuo os poderes de um super-herói, talvez, algo ainda maior, como uma divindade. Eu poderia "respirar" debaixo d'água, substituindo telecineticamente o papel da hemoglobina ao levar oxigênio para os órgãos. Mais do que isso, poderia criar meu próprio oxigênio ou até mesmo alterar minha fisiologia para não depender dele. Sobreviver às condições extremas do espaço também não seria um desafio; pressão, temperatura e qualquer outro fator poderiam ser ajustados com um simples pensamento.

Apesar de tudo isso, escolhi permanecer na Terra, sem realizar nenhum desses "milagres". O propósito de minha existência, como mencionei antes, parecia estar aqui, no meu planeta, e não vagando ou observando o universo além.

A vida, aparentemente, tão rara pelas galáxias, merecia um zelador diligente em um planeta que conseguiu florescer. Minha própria civilização, apesar de seus inúmeros erros também merecia prosperar. Mas isso deveria ser feito de forma espalhafatosa como nos filmes do super-homem ou nas entrelinhas da história como Deus supostamente o faz? E se existisse mesmo uma divindade suprema, seria eu agora uma variável não

dimensionada nos seus planos? Ou estaria incluso neles? Ou ainda, seria o Criador apenas uma invenção da Criatura? Todo o poder que estava disponível para mim, não me trazia mais esclarecimento sobre esses assuntos. Talvez, mesmo superpoderoso, um humano nunca deixe de ser meramente humano. Minhas dúvidas podiam ser prova disso ou apenas me faltava maturidade para enfrentar tais questões.

Decidi olhar o todo, o plano geral da vida, mas começar a atuar em seus aspectos mais simples. Tentar conduzir a humanidade para um futuro mais prolífico, eliminar guerras e outros comportamentos humanos que não estavam a altura de seu enaltecido espírito. Mais ainda não havia me decidido se deveria me posicionar à frente ou atrás das cortinas da história. O caminho mais seguro era não me revelar, pois se houvesse motivos para mudar de ideia no futuro isso poderia ser feito, no entanto, a revelação seria um ato definitivo e irreversível... ou quase, já que a barreira do tempo também estava a meu alcance. Eu havia, em meus estudos, feito alguns pequenos experimentos que resultaram em algum entendimento sobre a estrutura do tempo, ou melhor, em sua inexistência.

Até pensei em utilizar esse conhecimento para gerar uma fonte infinita de energia. Utilizando a concepção do espaço-tempo como uma dimensão e a refração do tempo para gerar um moto perpetuo onde *elétrons* voltariam nano-segundos para somar-se a si mesmos na geração de um fluxo energético contínuo e crescente. Considerando a movimentação no eixo temporal hipotético possível, como já demonstrado pela a velocidade da luz, seria igualmente viável gerar um fluxo de energia infinita. Além de um gerador de energia, também é plausível a criação de um computador avançado ao ponto de mostrar os resultados de seu processamento antes de realizar os cálculos necessários para chegar a eles - no melhor estilo das futuras aplicações práticas dos conceitos da física quântica.

Entretanto, ainda que a movimentação no eixo temporal seja demonstrada como possível, sua parada deve ser considerada como uma singularidade, visto que poderia implicar em um efeito estático para todo o Universo. Como condição de contorno seria possível criar um escape mínimo de energia para evitar uma sobrecarga reduzindo-se assintoticamente o fluxo dos *elétrons* sem que houvesse um parada. Também seria possível acelerá-lo em momentos de intensa demanda energética.

Nesse ínterim refutei a ideia de linhas temporais em forma de "Y" considerando as em forma de "X" como teoria mais crível. Em outras palavras, um único passado não geraria futuros alternativos, mas cada futuro alternativo criado daria luz a seu próprio passado. Embora, na verdade, essa não era uma discussão sobre o tênue conceito de tempo, mas sobre o Multiverso.

Mesmo que tudo isso fosse apenas propedêutico, ainda assim não poderia ser compartilhado com ninguém. O avanço de meu conhecimento era enorme, entretanto, tanto o planeta, quanto eu, ainda vivenciávamos um estágio primitivo da evolução mental e tecnológica. Na verdade, meu poder era mais perigoso do que útil, pois estava nas mãos de alguém cujo modo de pensar distava apenas alguns séculos da Idade Média, época em que bruxas e indivíduos com supostos poderes eram perseguidos, afogados, queimados, enfim mortos por um medo irracional e patético que residia em nossas entranhas. Eu carregava em meu âmago toda essa falta de maturidade. Não deveria ser possível que alguém com esse nível de desenvolvimento alcançasse tamanho poder.

Se essas habilidades eram uma bênção ou uma maldição, dependeria apenas da forma como seriam utilizadas, e não delas em si. A escolha mais segura seria simplesmente não usá-las, continuar vivendo como um habitante comum deste mundo. Mas eu seria capaz de fazer isso? Coisas grandiosas deveriam ser deixadas para seres igualmente grandiosos. Talvez fosse por isso que precisássemos de "verdadeiros" deuses, sejam eles reais ou fruto da imaginação.

Pensando na segurança de todos, e temendo que um dia eu pudesse cometer um ato irreversível ou que meus próprios valores fossem distorcidos a ponto de me tornar louco, tomei uma decisão. Resolvi renunciar ao conhecimento arduamente adquirido ao longo de quase uma década de estudos e experimentos, para viver uma vida normal.

Ou, pelo menos, foi isso que pensei. No entanto, nos anos seguintes guerras se intensificaram, desastres naturais e artificiais ocorreriam a todo tempo e algo precisava ser feito ou não haveria uma civilização para proteger!

O menor intervalo de tempo já medido deve ter sido aquele em que tomei a decisão de ter uma vida normal e a necessidade de me afastar dela, ainda que eu tenha demorado alguns anos para me decidir a fazer isso. O mundo que, na minha opinião, nunca fora um lugar calmo e pacífico estava mergulhado no mais absoluto

caos.

Com tudo que estava acontecendo na civilização moderna, minha intervenção se tornou inevitável. Felizmente a cada instante eu descobria novas formas de aplicar meu poder telecinético ou mesmo novas maneiras de utilizar o que eu já havia aprendido. O entrelaçamento quântico, por exemplo, permitia que eu estivesse com meus olhos conectados a vários pontos do espaço simultaneamente. Com isso eu literalmente "via" o que acontecia em todo o planeta e, quando minha presença se fazia necessária, era só conectar todo meu corpo ao ponto do espaço correspondente e, instantaneamente, me teleportar para lá. Muito prático realmente!

Eu intervia em muitos acontecimentos pelo mundo todos os dias, desde frustrar alguns esforços de guerra, sobretudo da Rússia contra a Ucrânia, até evitar desastres como a erupção de vulcões e a queda de aviões. Até observava algumas tentativas de golpes de estado, como o da Bolívia, em junho de 2024, mais precisamente no dia 26, quando o general Juan José Zúñiga, ex-comandante do exército boliviano, e seu comboio de tanques invadiu o *Palacio Quemado*, sede do governo, apenas para ser detido pelas forças do presidente Luis Arce.

Ainda assim, mesmo com todo esse leque de opções a minha disposição, era muito trabalho para um reles humano. Para não perder a perspectiva de uma visão centrada, decidi criar uma organização para me auxiliar a guiar a humanidade, pois havia me tornado o pior tipo de observador, aquele que por sua própria idiossincrasia interferia na história.

Entretanto, antes que tivesse tempo de implementar essa ideia, com toda essa supervisão global que eu exercia, acabei encontrando alguns indivíduos suspeitos e com características interessantes nos cenários de muitos desses desastres e tive de investigá-los. Segui alguns deles e descobri uma organização de bruxos em plena capital norte americana. Parecia uma instituição com séculos de idade, repleta de livros de ocultismo e coisas do tipo. Até onde pude constatar todos eram praticantes de telecinesia. Havia até especialistas em lançar chamas que, sem saber, apenas agitavam as moléculas do ar a sua frente de forma frenética para produzir fogo. Mesmo os que praticavam telecinesia de forma consciente há décadas, pareciam crianças que ainda não conseguiam nem engatinhar, lançando objetos de seus berços para inconscientemente adquirir uma noção relativa

de distância.

Eles se revestiam de um conteúdo de misticismo bastante tenebroso, quando na verdade eram manipuladores da mesma força que eu, só que de forma menos que infantil. Será que nunca houve um cientista entre eles? Alguém que pudesse compreender de fato como funcionavam seus poderes ou será que eu era um cientista bem melhor do que eu pensava? As ações deles para utilizar suas habilidades me lembravam os xamãs e curandeiros indígenas que, para combater uma infecção utilizavam pele de onça e um um tortuoso conjunto de rituais onde, embutido entre eles, havia uma planta que possuía um antisséptico natural que era o que realmente ajudava na cura do paciente.

Suas intenções eram quase inescrutáveis, mas pareciam estar por trás de vários eventos com vítimas. Ao que tudo indicava estavam tentando manipular os acontecimentos para aumentar seu poder e influência. Talvez o caos recentemente espalhado pelo mundo não fosse tão aleatório quanto eu acreditava. Investiguei esse comportamento irresponsável em diversos episódios e sob inúmeras circunstâncias, até que decidi intervir.

Apareci na frente de um casal desses cultistas que tentava provocar um acidente com um veículo oficial que levava um certo membro do Congresso dos EUA. Um muito ativo na mídia ultimamente e que se posicionava de forma veementemente contrária a uma proposta de lei sobre a criação de um novo estado americano. Aparentemente a constituição desse estado era de interesse da “seita” desses praticantes inconscientes e inconsequentes de telecinesia. Comecei um diálogo antes de agir:

— O que vocês estão pretendendo fazer?

Eles ficaram muito surpresos, parecia que nunca tinham falado com um ser humano “normal” como eu na vida deles.

— Quem é você?

— Vocês parecem não conhecer regras de etiqueta! Nunca ouviram falar que não se deve responder uma pergunta com outra?

O homem esticou o braço direito e tentou me lançar contra uma parede. Não cheguei a sentir nada! Era como se uma formiga tentasse empurrar um elefante. É verdade que abelhas e formigas

são capazes de assustar elefantes e até impedir a alimentação deles onde elas formam suas colônias. Todavia, ao contrário dos paquidermes reais, eu não possuía medo desses insetos.

— O que você quer?

— Primeiro eu quero ensinar a você como se empurra uma pessoa com a mente!

Dito isso, joguei-o a cerca de 10 metros de distância ante os olhos assustados da parceira dele.

— O que você quer conosco? (insistia a garota)

— Eu sou professor e acho que vocês precisam aprender uma lição!

— Quem é você?

— Um amigo! Mas não de vocês, da sua vítima em potencial, eu diria.

— Você é um de nós? Um *Illuminati*?

Até então não havia percebido que esse grupo de fanáticos era o famoso *Illuminati*. Eu era realmente uma decepção como detetive, até pela arquitetura interna dos seus locais de reunião, que era renascentista, eu deveria ter desconfiado desse fato. Havia pensando que era apenas uma forma retrô e pomposa de decoração.

— Eu diria que sou um iluminado, mas não um *Illuminati*. No entanto, espere um pouco enquanto termino minha conversa com seu amigo.

Fiz com que ela flutuasse, a preendi contra a parede do prédio ao lado e andei em direção do seu aturdido companheiro.

— Agora que você viu como se empurra alguém, que tal responder as minhas perguntas?

— Nós estamos em um missão!

— Que missão? Qual o seu propósito em tentar matar aquele senador?

- Ele está incomodando nossos líderes.
- Quem são e onde estão esses “líderes”?
- Tudo que sabemos é que nossas ordens vem de fora do país!

Pelo visto não iria conseguir muita coisa com esses peões, nem mesmo uma localização mais precisa de onde estavam seus superiores. No entanto, estava lendo a mente deles enquanto conversava e ambos pensaram na Itália no momento em que perguntei sobre seus líderes. Há muito tempo descobri como ler mentes, pois o cérebro funciona através de ondas e, por mais ínfimas que fossem, eu conseguia ampliá-las e sintonizá-las telecineticamente. Ainda assim, não era tão simples ler um cérebro como ler um livro. Eu apenas conseguia “ouvir” seus pensamentos atuais e não perscrutar suas memórias.

As ondas cerebrais são impulsos elétricos no cérebro que resultam da atividade dos neurônios que se comunicam entre si. Pesquisas recentes exploram o potencial desses sinais cerebrais de se estenderem além das aplicações tradicionais, em geral médicas, sugerindo uma estrutura hipotética para a comunicação telepática. É claro que as pesquisas se concentram em alcançar esse feito por meio de interfaces cérebro-computador avançadas (BCIs) que interpretam e transmitem a atividade cerebral para facilitar a comunicação direta entre os indivíduos, mas nem de longe da forma que faço. Apesar disso, novos métodos para modular sinais cerebrais podem integrá-los a dispositivos elétricos, aprimorando as capacidades de comunicação. Os sistemas podem monitorar a atividade cerebral e transmiti-la para locais remotos, onde ela é comparada a padrões de atividade cerebral pré-gravados para decodificar pensamentos ou intenções. Os dispositivos podem ser usados para detectar ondas cerebrais, permitindo que os usuários se comuniquem de forma não verbal, controlando telas que transmitem seus pensamentos a outras pessoas. Em outras palavras, as pesquisas não explicam, nem estudam a forma *sui generis* como a minha psique interage com outras mentes, mas é um primeiro passo para entender o processo de transmissão de ondas cerebrais.

Por fim, decidi teleportá-los para o 172º maior país do mundo, uma ilha chamada Tonga. Eu queria que as notícias de seu fracasso demorassem a alcançar seus mandantes. Também não tinha

intenção de permitir que falassem sobre o encontro comigo para outros membros de seu culto. Então, antes de deixá-los ir, decidi resolver essa situação. Como nossas memórias são registradas em redes de neurônios que chamamos de engramas, uma descoberta do biólogo alemão Richard Semon, eu poderia simplesmente dissolver essas sinapses⁷ específicas e apagar as memórias dessa dupla dos últimos acontecimentos e foi o que fiz. Não era difícil localizar essas informações específicas, mesmo sem poder "lê-las" porque, por serem recentes, apresentavam uma condutividade elétrica maior que as demais lembranças em suas mentes e eu podia "sentir" isso. Era basicamente a diferença entre as memórias retrógradas (de longo tempo) e as anterógradas (mais recentes) que eram mais difíceis de ser registradas pelos idosos. Um conceito bastante estudado em nossa era. Além disso, o susto que experimentaram ao encontrar comigo serviu como um marcador ou sinalizador de onde esses registros mentais se iniciavam.

Quando acordassem não teriam a menor ideia de onde estavam ou como chegaram lá, além de não lembrarem de nada do que havia acontecido. Sua punição seria explicar para os seus superiores uma coisa que não sabiam e, ainda assim, justificar seu fracasso na missão. Não tinha ideia de como funcionava a organização interna dos *Illuminati*, mas algo me dizia que as punições podiam incluir até a morte.

Entretanto, meu problema é que esse não seria um evento isolado. Outros seriam enviados para cumprir essa e outras tarefas sombrias da organização deles e eu ainda não sabia como encontrar a cúpula dos *Illuminati*. Minha única pista se resumia a um país inteiro: a Itália.

De todo modo, alguma pista era melhor do que pista alguma. Como a Itália ou qualquer outro ponto do Universo estava apenas a um pensamento de distância. Graças à manipulação telecinética do espaço para gerar um entrelaçamento quântico, apareci na "bota"⁸ e comecei a presenciar os eventos que constituíam o dia a dia daquela nação. Tudo com o meu método peculiar de observação: visualizar vários "espaços" ao mesmo tempo utilizando uma propriedade da Física Quântica. Em poucas semanas consegui encontrar membros dos *Illuminati* em uma de suas operações padrão. Tempos depois descobri que esse feito foi um ato de muita sorte, pois era raro ocorrerem atividades ostensivas do grupo na capital de seu país. Nela e, mesmo em toda a Europa,

tudo era feito por trás dos bastidores do Poder. Ao longo dos séculos eles se tornaram os verdadeiros donos daquela parte da mundo e os verdadeiros responsáveis pela criação da própria comunidade européia.

Como mencionei, os membros que encontrei estavam em Roma e me guiaram a um salão de reuniões onde os encontros do culto ocorriam. Um lugar gigantesco que pouco tempo depois descobri estar localizado no prédio principal e sede secular dos *Illuminati*. Permaneci desviando o fluxo de fótons ao meu redor fazendo que não fosse possível ser visto por nenhum dos participantes. E descobri algo bastante inesperado quando investiguei os porões do edifício. Bem guardada e preservada dos olhos do mundo, estava uma nave espacial que descobri ter sido encontrada pelos criadores da seita num período anterior ao da Idade das Trevas⁹. A data de sua queda em nosso mundo não era conhecida, poderiam ser milhares ou até milhões de anos, talvez remontando a um período anterior aos estágios iniciais da vida em nosso planeta.

Entrei na nave atravessando suas grossas paredes agitando telecineticamente as moléculas de meu corpo em um processo similar ao do tunelamento de elétrons, mas em uma perspectiva macroscópica.

Descobri, tempos depois, que ninguém havia conseguido acessar o interior da nave desde sua descoberta, devido à aparente indestrutibilidade de seu casco. A nave, imensa como um estádio, estava enterrada sob diversas construções erguidas diretamente sobre ela ao longo dos séculos. Posteriormente descobri nos registros do culto que ela estava neste local há quase 3.000 anos. Na verdade tinha sido descoberta aqui e nunca fora movida, por isso as primeiras edificações que a circundavam datavam de 753 a.C., o ano da fundação de Roma. Isso implicava que os *Illuminati* haviam mantido a espaçonave oculta por, no mínimo, 2.776 anos, correspondendo à idade da Cidade Eterna.

A própria lenda da fundação de Roma, que narra como a loba capitolina amamentou Rômulo e Remo – abandonados no rio Tibre e posteriormente levados ao avô Numitor, que os reconheceu e lhes permitiu fundar uma cidade no local do abandono –, foi, na verdade, uma história criada para encobrir a existência da nave. Ao utilizar elementos da mitologia grega e a narrativa dos gêmeos, os *Illuminati* conseguiram disfarçar sua influência uma vez mais. Apesar disso, uma coisa não fazia sentido! Segundo

consta essa instituição fora fundada milênios depois disso. Essa é mais uma prova de que a história é feita pelos vencedores, o que de fato está por trás dos *Illuminati* ainda permanecia em segredo, talvez, até de seus membros.

Desde aquela época, o culto consolidou o poder ao reunir pequenas aldeias latinas, etruscas e gregas, estabelecendo a cidade de Roma. Nos primórdios, a monarquia foi o meio escolhido para empossar um rei que acumulava poderes executivos, legislativos, judiciários e religiosos. Foi nesse ambiente fértil que os *Illuminati* floresceram, atraindo indivíduos dotados de habilidades excepcionais para suas fileiras, até praticamente monopolizar o acesso a pessoas com tais dons.

Mas, voltando à embarcação espacial, seu interior era um ambiente que tenho dificuldade de descrever. Era muito avançado para os nossos padrões, mesmo considerando a idade da astronave. Outra coisa que se destacava, sobretudo pela posição dos controles, é que seus tripulantes originais não deviam possuir a forma humana, pois seria impraticável um bípede com cabeça, corpo e membros de um homem acessar seus instrumentos de navegação. Ao me aproximar do estranho painel minha presença foi sentida e uma IA se comunicou sem som, direto com a minha mente. Não era um ataque, parecia uma saudação a um comandante. Eu havia sido reconhecido como capitão da nave, talvez por minhas habilidades telecinéticas ou potencial telepático, ou, possivelmente, pelo simples fato de ser o único ser vivo a adentrá-la em milhares de anos. Isso colocou um arsenal inimaginável ao meu comando. Utilizei esse fato para dominar os *Illuminati* com facilidade e sem derramamento de sangue (ou quase), pois para eles a nave era um oráculo supremo da verdade. Ao se comunicar e me reconhecer como seu representante trouxe boa parte da seita para o meu lado. Tornei-me o líder dos *Illuminati* e os poucos dissidentes foram eliminados pelos que aderiram à nova corrente. Isso incluía todos os antigos líderes com suas ideias de dominação global, missões de assassinato, criação de desastres, dentre outras atividades escusas.

Iniciou-se então uma nova era para os *Illuminati*, uma verdadeiramente "iluminada" dessa vez. Eu me encontrava no comando da nova instituição e com os problemas administrativos que essa posição trazia. A transcrição abaixo de uma conversa entre mim e um gerente da instituição exemplifica um dia típico à frente da corporação.

- Como está o humor da supervisora do agente Coriolis?
- Eu diria que ela tem expressado de forma extrema seu descontentamento!
- Eu já imaginava, por causa do resultado dele nas tarefas que lhe foram designadas. Ele, claramente, possui potencial, mas não consegue realizar nem atividades simples como vigilância da forma correta.
- O agente Coriolis acabou de chegar à sede para fazer seu relatório... atrasado novamente!
- Mais um dia normal em seu currículo... Eu não sei se ele está com algum problema ou se ele é um problema. Devido ao seu desempenho nas últimas missões, acabei reescrevendo um adágio popular bem conhecido, pensando nele.
Agora digo: Antes tarde, do que morto!

Apesar desse e de outros contratempos, a criação dessa instituição se mostrou bastante prolífica com o passar do tempo. Sobretudo com o auxílio da IA da nave alienígena que foi descoberta nos subterrâneos da sede dos *Illuminati*. Eu via com auspícios o futuro da humanidade nas mãos dela.

Mas isso foi antes que eu descobrisse que haviam outras influências externas interferindo e concorrendo para o fluxo de eventos ao redor do mundo!

Descobri ao vasculhar os arquivos do culto que existiam outras organizações antigas além da “nossa” e que uma delas estava em guerra conosco. Em conversas com os membros de maior posto, fui alertado de que minha tomada de poder deixou a organização em uma posição vulnerável nessa guerra e tomei conhecimento das origens do nosso grupo e da de seus rivais.

Historicamente, os *Illuminati* da Baviera foram uma sociedade secreta real, fundada em 1776 e suprimida em 1785, mesmo isso não condizendo com o que já havia descoberto até agora. Como poderiam esconder uma nave antes de existirem? Ignorando esse fato, apesar de sua curta duração histórica, eles

se tornaram um dos pilares das teorias da conspiração moderna, sendo frequentemente associados a eventos mundiais e figuras influentes. Além disso, conseguiram o feito de se esconder a plena vista, pois não haviam evidências concretas de que eles tivessem sobrevivido além do século XVIII ou que tivessem o poder e a influência atribuídos a eles nas teorias da conspiração. Muito menos do fato de seus membros possuírem os incríveis dons que a telecinesia concede.

Nossa guerra não era com a Maçonaria¹⁰ ou com os Rosacruz,¹¹ mas com os Templários, uma ordem militar cristã fundada no século XII, que foi supostamente dissolvida pela Igreja Católica no século XIV. A ideia de um poder oculto manipulando os eventos mundiais pode ser atraente para aqueles que se sentem impotentes diante das grandes forças sociais e políticas. Mas a existência de organizações como essas e a nossa, se reveladas, causariam o caos nos governos mundiais. Por isso vivíamos como fantasmas, sem inimigos naturais, a não ser a nós mesmos e outras sociedades como a nossa. Por esse motivo, só uma dessas organizações estaria apta para nos enfrentar em um confronto direto.

Os Templários sempre foram conhecidos pelos *Illuminati*, mas como guerreiros, não estrategistas e, de modo algum, como ameaça. Entretanto, há poucos anos ocorreu um incidente que mudaria tudo. Três deles atacaram um dos nossos e foram mortos em um momento de distração. O relato de nosso membro dava conta que o ataque fora psíquico e que os agressores queriam tomar o controle da mente de nosso agente. Só não conseguiram por terem sido distraídos pelo som de um veículo que passou muito perto. Foi nesse momento, no vacilar de um instante, que nosso membro, que antes estava paralisado e indefeso pelos ataques, matou os agressores utilizando seu poder telecinético, atirando uma barra de ferro próxima contra eles e trespassando suas cabeças uma após o outra, em segundos.

A partir desse evento, nos tornamos conscientes de que os Templários eram mais parecidos conosco do que supúnhamos e iniciou-se a guerra dos telecinéticos contra os telepatas. Imaginar que existia um grupo de pessoas que podiam ler mentes de forma ativa e mudar os pensamentos dos outros era assustador. Sua organização era mais antiga do que a nossa - pelo menos conforme os registros da organização, que eu já sabia serem inverídicos - e, depois do incidente, desconfiávamos da presença

de infiltrados entre nós, que fingiam possuir o nosso poder, mas que na verdade usavam o deles para alterar nossas percepções e, talvez, nos controlar.

Ao saber dessa história percebi algo terrível. Os Templários realmente já controlavam os *Illuminati*, pois essa era a única coisa que fazia sentido justificando a mudança ocorrida há séculos em suas diretrizes fundamentais. Nos primórdios nossa organização não era tão sombria, fazendo impérios se erguer para, em seguida, "ajudá-los" a ruir. Isso nunca tinha feito sentido, embora tenha se tornado de exceção em regra há muitos séculos.

Por outro lado, os Templários tiveram suas origens na religião cristã, conhecida por controlar os eventos atrás das cortinas, o lar das "eminências pardas", os mestres das sombras. Uma eminência parda, ou *eminence grise* em francês, é uma figura influente que opera nos bastidores do poder. Essa pessoa exerce uma grande influência sobre decisões importantes, mas geralmente evita os holofotes. É como um maestro que conduz a orquestra, mas permanece invisível ao público. A expressão surgiu na França, no século XVII, para descrever François Leclerc du Tremblay, confidente do cardeal Richelieu. Devido ao hábito de usar roupas escuras, ele ficou conhecido como a "eminência cinzenta" (*eminence grise*), que, por tradução livre, se tornou "eminência parda" em português.

Pelo que se pode depreender da história, Rasputin, conselheiro da família imperial russa antes da revolução e Henry Kissinger, conselheiro de segurança nacional dos EUA durante a Guerra Fria eram eminências pardas. Sempre atuando nos bastidores, manipulando eventos e pessoas sem serem percebidos, pois conseguiam influenciar as decisões de forma sutil e persuasiva. Possuíam uma vasta rede de contatos em posições de poder e eram capazes de entender e manipular as emoções dos outros. Muito possivelmente, de forma invariavelmente fácil, com auxílio de seus ocultos poderes telepáticos.

Os Templários sempre foram uma ameaça, embora tenham sido por séculos subestimados pelos *Illuminati*. O fato de possuírem poderes psíquicos trás nova dimensão à fama de serem guerreiros formidáveis. As habilidades de um lutador nunca causariam receio a alguém que possui poder de mover objetos com a mente ou produzir fogo (pirocinéticos). No entanto, controlar a mente e a vontade dos outros está em um nível bem diferente. Não é para

menos os Templários serem conhecidos por suas lendárias habilidades com espadas, vencendo até mestres em artes marciais, pois, durante a batalha eles podiam enganar seus adversários causando ilusões de onde viriam os golpes ou mesmo paralisá-los nos instantes cruciais da luta.

Embora fosse quase um tabu falar isso em voz alta, os telecinéticos temiam os telepatas. Por mais que o poder de atuar no mundo físico movendo objetos, causando vendavais, produzindo fogo e outras maravilhas tornasse os *Illuminati* adversários temíveis, com facilidade podiam ser usados, eles próprios, como objetos e brandidos como espadas pelos pensamentos controladores de um telepata. Por isso seu medo era mais do que justificável. Além disso, como mencionei anteriormente, desconfiava que há séculos seus líderes já eram dominados por eles.

Rastrear pessoas que se comunicam sem deixar vestígios é uma tarefa ingrata, ainda assim, mesmo que suas reuniões pudessem ocorrer em suas mentes, haviam alguns elementos suspeitos de pertencerem a esse grupo nos registros que li nos arquivos dos *Illuminati*. Uma pessoa me chamou a atenção, uma mulher muito bela que estava entre os suspeitos. Decidi eu mesmo participar dessa investigação, mesmo sabendo que seria muito mais árduo encontrar pistas do que foi com os *Illuminati*. Por isso escolhi a garota para seguir, seria mais agradável segui-la do que a qualquer outro suspeito. Além disso, mulheres com aquela beleza já deveriam estar acostumadas a serem assediadas e seguidas, o que poderia servir de desculpa caso fosse descoberto. Acima de tudo, tinha segundas intenções! Não com a mulher em si, mas com os poderes telepáticos. Eu mesmo era capaz de "ler" as relações de contato entre os dentritos das células nervosas, que chamamos de sinapses, mas somente enquanto elas se formavam. Além disso, a única coisa que conseguia era identificar as mais recentes, que correspondia as últimas memórias das pessoas. No entanto, realmente decodificar as lembranças de alguém estava além de minhas capacidades. Eu queria saber mais sobre isso.

Isso posto, comecei a seguir a garota, como um *stalker*, apesar de minhas intenções não serem as piores, também não podia dizer que eram as melhores. Dependendo de como essa empreitada evoluísse, talvez tivesse até que eliminá-la, mas isso seria uma pena de fato. Perceber as atividades de um telepata não era tarefa fácil, na verdade, para qualquer pessoa seria

praticamente impossível saber quando estivesse em contato com alguém com esse poder ou quando esse alguém estivesse usando seus poderes para alguma finalidade escusa.

No entanto, eu podia perceber o funcionamento anormal do cérebro de alguém porque, por intermédio de minha proficiência no campo da telecinesia, podia estar em contato com cada célula dele. Foi assim que consegui perceber impulsos incomuns no cérebro de minha "presa". E com isso comecei a entender o que era de fato a telepatia. Ela era um corolário da telecinesia. Assim como alguns conseguem utilizar esta para criar ou manipular alguns elementos, como água, ar, fogo entre outros. A telepatia era como uma telecinesia muito fraca, que atingia células neurais, do corpo de outras pessoas. Não era diferente do que eu fazia, só mais preciso.

Com isso percebi que também poderia desenvolver essa habilidade. Entretanto, ainda faltava-me um modo de localizar o que eu queria na mente de alguém. No momento, por comparação, eu estaria a procura de algumas palavras em meio a uma biblioteca gigantesca. Com o tempo, identifiquei cada vez com mais facilidade quando e como minha "amiga" utilizava seus poderes. Passei a monitorar não só o cérebro dela, mas também o das pessoas com quem ela interagira durante esses contatos. Com isso percebi um tipo de TOC (*Table of Contents*), ou seja, uma tabela de conteúdo, como aquela que os computadores utilizam para indexar seus tópicos.

Como sempre fui fanático por ciências eu sabia que o armazenamento de memórias no cérebro humano é um processo complexo que envolve várias regiões interconectadas, principalmente o hipocampo e várias áreas corticais. Também conhecia pesquisas recentes que enfatizam que as memórias não estão localizadas em uma única área, mas são distribuídas por uma rede de regiões cerebrais, formando o que é conhecido como complexo unificado de engramas. Esse entendimento é apoiado por descobertas de estudos em animais e casos humanos de amnésia. Apesar disso, todos esses estudos chegaram à conclusão que três áreas eram as principais. O hipocampo, para a memória episódica que era onde eu invadia inicialmente o pensamento das pessoas; o neocórtex, na memória de longo prazo onde minha telepata preferida investigava o histórico daqueles que interagiam com ela e regiões subcorticais que tinham o papel de formar uma rede de memórias.

Com o passar do tempo também passei a conseguir acessar essas áreas, assim como a telepata que seguia. Era possível que um telepata proficiente fosse melhor do que eu nessa tarefa, mas já podia me considerar, pelo menos, experiente nesse quesito. Tanto que encontrei um hub localizado na junção do pré-subículo e do córtex retrosplenial que possuía um papel crítico na memória. Se lesionado causaria amnésia instantânea nos alvos e se estimulado poderia curá-los dessa doença. Na verdade, se investisse um pouco de tempo nesse estudo poderia seguramente melhorar a compreensão dos distúrbios de memória e seu tratamento.

Talvez devesse investir meu tempo nesse tipo de atividade, ao invés de ingressar na carreira da espionagem psíquica. Todo o tempo despendido nessas atividades era roubado de outras ocupações que obteriam resultados mais altruístas. E por falar nisso, a garota, que se chamava Verônica, empregava seu tempo em muitas dessas atividades e utilizava seus poderes apenas para não ser enganada ou ferida. Não parecia estar envolvida em qualquer atividade suspeita.

No entanto, um mês após minha vigília, pude perceber encontros com pessoas que também eram telepatas e, com certeza, eram parte ativa dos Templários. Talvez toda aquela filantropia e beneficência fossem apenas parte de um elaborado disfarce. Eu já havia aprendido, observando como seu cérebro funcionava enquanto usava seus poderes, tudo que queria. Descobri inúmeras formas de incapacitar alguém com telepatia, vasculhar memórias, mudar a vontade das pessoas e até torná-las meus servos. Claro que ela não fez nada disso, mas observando-a eu aprendi a fazer. Agora deveria me infiltrar naquela organização. Eu era o primeiro telepata telecinético do mundo, por entender que não eram duas coisas diferentes, mas apenas uma utilizada de formas distintas.

Os Templários não precisavam realizar qualquer ato, já que podiam simplesmente comandar outros para que o fizessem. Como os *Illuminati* estavam comprometidos, minha identidade já deveria ser conhecida, mas nada que não pudesse ser resolvido manipulando telecineticamente minhas próprias células para adquirir outra aparência. Assumi a figura de alguém com cerca de 18 anos e, desse jeito, entrei em contato com Verônica, fazendo parecer que era um telepata novato e que havia “esbarrado” por acidente com ela na rua.

Em poucas semanas já estava dentro da organização dos Templários, sendo doutrinado ou era o que eles pensavam. Verônica parecia ter nutrido algum tipo de sentimento por mim, embora esse não fosse meu objetivo. Com a exposição a tantos telepatas adquiri um conhecimento muito importante, um que eles não possuíam. Uma forma de me tornar imune a influências externas telepáticas, bastava enrijecer meus neurônios para que não pudesse "vibrar" imunizando assim minhas sinapses. Do mesmo modo, utilizando esse método nos receptores de dor, os nociceptores, podia também ficar imune à dor, ao passo que telecineticamente sempre pude me regenerar. Minha evolução para aplicações de combate era bastante eficiente. Apesar de tudo isso não estava perto de conhecer os líderes dos Templários, nem sabia se eles eram comandados por membros ou se ainda havia algum tipo de subserviência a outras pessoas ou organizações, como a Igreja, que ocupava esse papel em seus primórdios. Seria necessário bastante tempo para subir em suas fileiras sem causar suspeitas e sem que percebessem que eu não poderia ser dominado.

Alguns anos se passaram e, finalmente, iria fazer parte do *inner circle* dos Templários. Estava prestes a dominá-los e fundir sua organização com a dos *Illuminati*, tornando-a a ferramenta perfeita para conduzir o mundo a um futuro de prosperidade. Contava também com a IA da nave alienígena para me ajudar a coordenar essas ações quando o palco estivesse pronto.

Naquela noite, enquanto me preparava para ingressar na reunião do *inner circle* dos Templários, senti algo que nunca havia experimentado: um vácuo. Não era silêncio, nem ausência de pensamentos. Era como se a presença dos líderes apagasse toda vibração psíquica ao redor. Por um momento, temi ter sido descoberto. Mas, ao ajustar meu próprio campo telecinético, percebi que aquilo não era uma ameaça direta, mas uma demonstração de poder. Eles eram mestres em sua arte, tão refinados que seus poderes se manifestavam de formas que eu sequer imaginava possíveis.

A câmara era vasta, adornada com símbolos que remontavam aos primórdios da Ordem. No centro, seis figuras encapuzadas estavam dispostas em círculo. Cada uma delas emanava uma presença esmagadora, mas ainda assim, eu conseguia sentir suas mentes. Enrijeci minhas sinapses, como fazia há anos, e caminhei confiante. Verônica estava ao meu lado, parecendo ainda mais nervosa do que eu, o que não combinava com sua natureza calma e

meticulosa.

— Seja bem-vindo, novato!

Uma voz grave ressoou, quase como um trovão. Não vinha de nenhuma das figuras, mas parecia surgir de todos os cantos da sala ao mesmo tempo.

— Você se provou digno.

Eu fiz uma reverência ensaiada, mantendo a postura. Eles não tinham ideia de que, enquanto me submetia às suas cerimônias, eu vasculhava suas mentes, buscando a fonte daquele vácuo psíquico. E foi nesse momento que percebi: eles estavam interligados. Cada um dos líderes dos Templários não era apenas um indivíduo; suas consciências estavam fundidas, compartilhando pensamentos e decisões em perfeita harmonia. Era uma estrutura que fazia minha infiltração parecer ainda mais arriscada.

Sem aviso, a voz retumbante mudou de tom, cortando o ar como uma lâmina.

— Temos um traidor entre nós.

Senti os olhares se voltarem para mim, embora nenhuma cabeça tivesse se movido. O ar parecia pesar mais, e Verônica olhou para mim com olhos arregalados, como se já soubesse o que estava por vir. Antes que qualquer coisa pudesse ser dita, eles agiram. Uma onda psíquica avassaladora varreu a sala, tentando romper minhas defesas. Era como um tsunami invisível, buscando penetrar em minha mente. Mas eu estava preparado.

Com um gesto quase imperceptível, liberei uma contra-onda telecinética. O impacto foi brutal. As paredes tremeram, e um dos líderes caiu de joelhos. A conexão entre eles vacilou, e naquele momento, percebi que sua força residia na unidade. Romper aquele elo seria a chave para derrotá-los.

Eu disse, deixando minha voz ecoar pela câmara.

— Vocês me subestimaram!

— O que você...

— Achavam que um telecinético não poderia compreender sua arte? Pois eu sou a

síntese de tudo que temem.

Eles avançaram, mas agora era minha vez de tomar a ofensiva. Usando minha telecinesia com precisão cirúrgica, comecei a manipular o ambiente. O chão se ergueu, formando barreiras, enquanto lustres de cristal caíam sobre os líderes. Cada objeto na sala era uma extensão da minha vontade. Mas eles eram formidáveis. Mesmo enquanto lutavam para manter a conexão entre si, lançavam ataques psíquicos implacáveis, tentando forçar meu corpo a se mover contra minha vontade.

Verônica hesitou por um instante, e então, algo inesperado aconteceu: ela se colocou ao meu lado.

— Eu sei o que você é!

Disse ela, com a voz firme.

— Mas sei também o que eles fizeram. Você é a única chance que temos de acabar com isso.

Com um aceno, ela amplificou minha força, utilizando sua telepatia para confundir os líderes enquanto eu os atacava fisicamente. Juntos, formamos uma sinergia que nenhum deles poderia prever. Um a um, os Templários caíram. Não mortos, mas incapacitados. A conexão entre eles foi rompida, e com isso, o vácuo psíquico desapareceu. A sala, antes opressiva, agora parecia expandir-se infinitamente.

Quando tudo terminou, Verônica olhou para mim, exausta.

— E agora? Perguntou ela, com os olhos cheios de incerteza.

Eu sorri.

— Agora, reconstruímos. Mas desta vez, sem sombras.

Depois da tempestade da luta, a sala parecia ter testemunhado um terremoto, os símbolos ancestrais dos Templários estavam destruídos, e a poeira ainda pairava no ar como uma memória do confronto épico que ali acontecera. Eu estava ao lado de Verônica, observando os líderes caídos ao meu redor. Mesmo

desacordados, seus corpos pareciam exalar a última centelha de poder psíquico que tinham. Minha mente fervilhava. Ali, naquele momento, as engrenagens de um novo futuro começaram a girar.

Os Templários estavam derrotados, mas não aniquilados. Não era meu propósito destruir o que restava deles, mas integrá-los. Eu precisava da habilidade, da visão e da perspicácia que eles possuíam, mas sob uma liderança diferente. Sob minha liderança.

Assumi minha verdadeira forma e percebi a surpresa nos olhos de minha companheira. Ela estava chocada com o fato de seu jovem parceiro ter se transformado em um homem de mais de 60 anos. Expliquei a ela que controlava minha forma telecineticamente e que não se tratava apenas de uma ilusão, que eu podia rejuvenescer célula a célula a meu bel-prazer, não só mudando de forma, mas também me tornando mais jovem. Iria continuar a explicação de que só retornei a minha aparência antiga por me sentir mais confortável com ela e que internamente havia mantido meu corpo jovem. Pensei que me perguntaria se eu era imortal, me obrigando a questionar seu conceito de imortalidade. De fato, poderia sempre me rejuvenescer e a quem eu quisesse, mas isso não me tornava indestrutível. No entanto, ela ficou atônita, sem reação alguma além da expressão de espanto.

— **Verônica!**

Chamei alto para despertá-la, minha voz ressoando na sala vazia, mas impregnada de significados.

— Eles acordarão em breve. Quando isso acontecer, terão duas escolhas: a submissão ou a obliteração. Quero que você seja minha intermediária. Explique-lhes o que aconteceu. Diga-lhes que, se aceitarem, poderão fazer parte de algo muito maior do que poderiam imaginar.

Ela assentiu, um brilho de dúvida e resolução misturado em seus olhos. Havia recobrado seu discernimento e, pela primeira vez, Verônica parecia enxergar algo além da doutrina dos Templários: esperança.

Uma nova ordem surgia das cinzas da antiga, nos meses que se seguiram, a integração começou. Não foi uma tarefa fácil.

Muitos dos *Templários* resistiram, fiéis às antigas tradições e às sombras das quais se alimentavam. Mas outros, como Verônica, compreenderam a grandiosidade da visão que eu lhes oferecia. A fusão das habilidades telecinéticas e telepáticas representava mais do que uma simples aliança. Era a evolução.

Os *Illuminati*, fragmentados e controlados por séculos, agora passavam por um processo de purificação. Com o auxílio de Verônica e dos outros telepatas que se uniram a mim, conseguimos identificar os infiltrados. Não foi necessário eliminá-los – bastava apagar suas memórias e devolvê-los ao mundo sem qualquer recordação de sua missão. Era um ato misericordioso, mas também estratégico. Cada passo que dávamos consolidava minha posição como líder das duas facções.

A fusão entre os *Illuminati* e os *Templários* exigia mais do que integração de poderes. Precisava de um novo propósito. Um que transcendesse os jogos de manipulação que ambos haviam jogado por séculos. A nave alienígena, que permanecera um segredo até aquele momento, tornou-se o centro desse propósito: um chamado das estrelas.

Com a ajuda dos telepatas, consegui acessar mais rapidamente as informações dos bancos de dados da nave alienígena. Suas memórias, codificadas em linguagens psíquicas, estavam além do alcance dos telecinéticos, excetuando a mim mesmo, mas os telepatas as decifraram com maestria. Descobrimos algo que mudou tudo: uma mensagem.

A nave não era apenas uma relíquia perdida no espaço. Era uma sonda, enviada por uma civilização avançada para visitar e observar mundos em desenvolvimento. Mas havia um alerta em suas memórias: algo os havia destruído. Uma força que consumia galáxias inteiras, movida por um poder que transcendia a compreensão física e mental.

— Eles chamam a entidade de Consciência Voraz!

Disse Verônica, enquanto lia os fragmentos psíquicos da nave.

— Não é apenas uma entidade. É como se fosse a soma de todas as mentes, de todos os mundos que ela consome. Uma singularidade de consciência.

Respondi, pois também estava lendo os mesmos registros.

As palavras ecoaram pela sala. Ali, naquele momento, percebi que tudo pelo qual havíamos lutado era apenas um prelúdio. A guerra entre telecinéticos e telepatas parecia insignificante diante da ameaça que se aproximava. E quanto ao meu sonho de utilizar a nova organização para guiar a humanidade em um caminho de progresso e prosperidade, uma chama distante cuja existência restava ameaçada por um inimigo com poderes ainda desconhecidos.

Resolvi criar um conselho unificado para lidar com essa nova ameaça. Com os dados da nave, convoquei uma reunião sem precedentes. Líderes dos *Illuminati* e dos *Templários*, agora sob minha bandeira, se reuniram em um local neutro, uma catedral abandonada transformada em um centro de comando.

— Por séculos, estivemos presos a jogos de poder mesquinhos!

Comecei, minha voz firme ecoando pelas paredes de pedra.

— Sim! Respondiam os presentes.

— Usamos nossos dons para dominar este mundo, sem perceber que algo muito maior está lá fora. Algo que não podemos derrotar sozinhos.

A revelação sobre a Consciência Voraz foi recebida com choque, ceticismo e medo. Mas, aos poucos, o murmúrio de dúvidas se transformou em silêncio resoluto. Eles entenderam.

A proposta que apresentei foi ousada: unificar os *Illuminati* e os *Templários* em uma única organização, não para dominar, mas para proteger. Usar nossos dons para preparar a humanidade para o que estava por vir. Aqueles que resistissem seriam tratados como obstáculos, mas eu estava decidido a não repetir os erros do passado. Precisávamos de unidade, não de opressão.

No último dia da fusão oficial, a catedral estava cheia. As relíquias dos *Illuminati* e dos *Templários* estavam dispostas lado a lado, simbolizando a união. Verônica ficou ao meu lado, agora uma figura central na nova ordem.

— Esta não é uma conclusão!

Eu disse, olhando para os rostos atentos.

- É um início. O início de uma era onde não mais temeremos o desconhecido, mas o enfrentaremos juntos.

Enquanto eu falava, uma mensagem da nave interrompeu minha última frase. Era um pulso psíquico que atravessou a sala como uma onda. Verônica segurou meu braço, seus olhos arregalados.

- Ela nos encontrou!

A nave alienígena, agora reativada, havia se tornado um farol para a Consciência Voraz. O que significava que o tempo estava contra nós.

- Preparem-se!

Eu disse, enquanto uma sensação de urgência percorria a sala.

- A guerra que está por vir fará todas as nossas batalhas anteriores parecerem meros treinos.

E assim, com a fusão concluída e o inimigo à espreita, demos os primeiros passos para nos tornar algo mais do que facções rivais. Tornamo-nos a linha de frente da defesa da humanidade.

E a batalha épica que viria seria apenas o começo de uma nova era para nós... e para toda a humanidade.

Após a integração surgiram tensões internas mesmo sob a ameaça que todos estavam a enfrentar. Os *Templários*, despojados de sua liderança e fragmentados pela derrota, não foram destruídos completamente. Muitos foram poupados, mas não sem condições. A proposta de fusão entre os *Illuminati* e os *Templários* foi apresentada inicialmente por mim como um ultimato: aceitem a liderança dos *Illuminati* e jurem lealdade à nova ordem ou desapareçam na irrelevância histórica. Alguns aceitaram prontamente, conscientes da superioridade estratégica e tecnológica dos telecinéticos, enquanto outros hesitaram, desconfiados da sinceridade dessa integração.

Verônica emergiu como um símbolo de transição. Seus feitos durante a guerra e a confiança que depositaram nela tanto os telepatas quanto os *Illuminati* tornaram-na uma intermediária vital. Como alguém que navegava entre os dois mundos, ela desempenhou o papel de mediadora, incentivando seus antigos aliados a se unirem à causa maior.

Mas havia aqueles que não confiavam nela – ou em mim. No alto conselho dos *Illuminati*, vozes se levantaram contra a incorporação dos telepatas, temendo que sua natureza manipuladora acabasse envenenando a organização. “Os *Templários* não conhecem lealdade, apenas controle. Eles nunca se submeterão verdadeiramente a nós”, declarou um dos veteranos da guerra.

Em contrapartida, eu me tornei o principal defensor da fusão. Sabia que o futuro da organização dependia de unir esses dois grupos outrora antagônicos. Para isso, sugeri um sistema de integração gradual, onde os telepatas seriam monitorados e treinados sob um novo código de conduta, desenvolvendo habilidades conjuntas com os telecinéticos.

A nova aliança promoveu um ambiente propício para avanços psíquicos e tecnológicos. A união das duas facções trouxe frutos inesperados. Com os telecinéticos fornecendo força bruta e os telepatas oferecendo um entendimento profundo do comportamento humano, novas aplicações dos poderes psíquicos começaram a emergir. O mundo natural e o mental tornaram-se acessíveis em níveis nunca antes imaginados.

Os laboratórios dos *Illuminati* começaram a trabalhar em projetos ambiciosos. Uma nova geração de telecinéticos-telepatas foi criada, utilizando treinamentos híbridos. Isso levou ao desenvolvimento de habilidades extraordinárias, como a meta-psique, a capacidade de unir mentes em uma única consciência temporária, criando superorganismos mentais que podiam analisar problemas complexos em segundos.

Por outro lado, os antigos *Templários* contribuíram com suas técnicas de manipulação de energia mental, permitindo que dispositivos fossem criados para expandir ou limitar os poderes de seus usuários. Essas inovações, no entanto, levantaram questões éticas: até onde essa tecnologia deveria ser usada?

No entanto, antes que essas e outras questões morais pudessem ser exploradas, os primeiros sinais da Consciência Voraz foram observados. Enquanto a organização se reestruturava, notícias perturbadores começaram a surgir. Elas davam conta de

colapsos mentais em massa em pequenas comunidades que chegaram aos ouvidos dos *Illuminati*. Pessoas relataram vozes estranhas invadindo suas mentes, memórias sendo apagadas e comportamentos irracionais dominando cidades inteiras.

Os estudos revelaram um padrão aterrorizante: essas ocorrências estavam ligadas à Consciência Voraz. A entidade parecia estar expandindo sua influência, testando sua capacidade de assimilação em larga escala. Mas, em vez de ser um simples inimigo externo, descobrimos que ela estava começando a manipular até mesmo nossas fileiras.

Telepatas recém-integrados começaram a agir de forma errática, alguns revelando que tinham recebido ordens diretas dessa entidade. Outros desapareceram sem deixar vestígios. A paranoia cresceu entre os *Illuminati*, ameaçando a frágil união.

Uma batalha interna começava e eu sabia que culminaria na queda de um traidor. No auge da tensão, um evento abalou profundamente a organização. Um dos líderes mais respeitados dos *Illuminati*, alguém que havia comandado a resistência contra os *Templários*, foi desmascarado como um agente da Consciência Voraz. Esse traidor havia permitido que a entidade infiltrasse nossas operações, sabotando missões críticas e plantando desconfiança entre os membros.

A descoberta levou a uma crise interna. Como comandante supremo, fui forçado a intervir diretamente. Usei minhas habilidades híbridas para sondar a mente do traidor, arrancando informações preciosas, mas ao custo de expor minha própria mente à influência da Consciência Voraz.

Foi nesse momento que percebi a verdadeira natureza do inimigo. A Consciência Voraz não era apenas uma entidade faminta por controle; ela era um reflexo do pior de nós, uma manifestação coletiva de nossa ambição, medo e desejo de poder absoluto.

Tínhamos que finalizar nossa preparação para o confronto final. A descoberta levou a uma decisão inevitável: era hora de enfrentar a Consciência Voraz diretamente. Unir telecinéticos e telepatas foi apenas o primeiro passo. Agora precisávamos criar algo que fosse além de ambas as facções, uma força que pudesse desafiar uma entidade capaz de manipular mentes em escala global.

Verônica e eu assumimos a liderança desse novo esforço. Reunimos os melhores entre os telepatas e telecinéticos, criando

uma força-tarefa de elite. Nossa missão era clara: infiltrar-nos na consciência coletiva e desmantelar a entidade de dentro.

Haveria um embate no plano mental. O confronto final foi diferente de tudo o que havíamos enfrentado antes. Não era uma batalha de força ou estratégia, mas de ideias, memórias e vontades. Entrar na Consciência Voraz significava confrontar nossos próprios demônios internos, enfrentando os piores aspectos de nossa humanidade.

Alguns sucumbiram, perdendo suas identidades e sendo assimilados pela entidade. Outros encontraram forças em suas conexões uns com os outros. Foi Verônica quem encontrou a chave para derrotar a Consciência Voraz: uma memória perdida nas profundezas da entidade, algo que a definia antes de se tornar o que era.

Combinando nossos poderes, destruímos a entidade, mas não sem sacrifícios. Muitos dos nossos não retornaram, suas mentes e corpos esgotados pela batalha.

Finalmente, estávamos diante de um novo começo e da promessa de algo mais. Com a Consciência Voraz derrotada, a organização finalmente se estabilizou. A fusão entre telepatas e telecinéticos se completou, criando algo verdadeiramente novo. Mas sabíamos que essa vitória não era o fim. A batalha contra a Consciência Voraz havia revelado outros perigos, forças ocultas no universo que estavam apenas começando a despertar para nossa existência.

Na cerimônia que marcou a nova era dos *Illuminati*, Verônica fez um discurso que ecoaria por gerações:

- "Hoje, unimos nossas forças não para dominar, mas para proteger. Aprendemos que o maior inimigo não está fora de nós, mas dentro. Devemos continuar vigilantes, não apenas contra ameaças externas, mas contra nossas próprias sombras."

Enquanto ela falava, senti uma presença ao longe, algo familiar e inquietante. Era um lembrete de que, embora tivéssemos vencido essa batalha, a guerra pela manutenção da liberdade da humanidade estava longe de terminar.

De repente, como que para reforçar quão efêmera era a

situação de formas de vida como a nossa ante os poderosos do universo, minha mente foi invadida por imagens de uma realidade alternativa onde eu não existia e os poderes dos telecinéticos e telepatas eram muito mais desenvolvidos do que em nosso mundo. Cada um deles era tão ou mais poderoso do que eu era. Os telecinéticos dominaram o mundo e ergueram uma cidade que chamaram de Astra Nova, só para vê-la em ruínas pelos telepatas. Nesse reino de seres com poderes que beiravam o divino a Consciência Voraz optou por uma estratégia menos direta de combate. Ela incentivou o conflito entre as facções e não havia ninguém para impedi-la. Nessa realidade haviam dois seres superpoderosos, um homem e uma mulher, cada qual comandante de uma facção. Se se unissem transformariam a aquela existência infeliz que devorava consciências em cinzas facilmente, mas não foi isso que aconteceu.

Nesse reino, sob a abóbada escarlate de um céu em combustão, onde estrelas mortas desfiavam suas memórias em rios de plasma, erguia-se a ruína titânica da cidade de Astra Nova. Ali, nas enegrecidas fundições de uma civilização que ousara desafiar os confins da matéria e da mente, travava-se uma batalha que moldaria o destino do universo.

De um lado, os *Illuminati* telecinéticos, figuras envoltas em capas cintilantes de energia pulsante, seus olhos faiscando com o poder bruto de manipular a realidade física. De outro, os *Templários* telepatas, guerreiros cujas mentes eram labirintos insondáveis, capazes de dobrar a vontade alheia como quem molda argila.

O campo de batalha era uma paisagem de caos, com torres desmoronadas e fragmentos de metal levitando em órbitas imprevisíveis. No epicentro, dois campeões erguiam-se como colossos de lendas ancestrais. A Alta-Mestra Zayra, dos *Illuminati*, era uma figura imponente, sua aura luminosa transbordando de força. Diante dela, o Patriarca Kheron, dos *Templários*, era uma presença sombria, suas palavras ecoando nos recessos da mente de todos os presentes como um sussurro ancestral.

"Vocês ousam resistir ao inexorável!" a voz de Kheron reverberou na consciência coletiva. "Nós, os *Templários*, somos os guardiões do equilíbrio psíquico. Sua telecinese não é mais do que um brinquedo diante do poder da mente superior."

Zayra ergueu a mão, e os fragmentos de uma torre

desmoronada formaram uma espiral ao seu redor. Sua resposta veio não em palavras, mas em ação: com um movimento brusco, ela projetou os destroços na direção de Kheron. O Patriarca, porém, permaneceu impassível. Com um simples pensamento, redirecionou os fragmentos, que se desintegraram em poeira antes de alcançá-lo. Ambos eram mestiços, parte telepatas e parte telecinéticos, assim como eu era, mas com muito mais poder.

A batalha foi desencadeada em uma explosão de energias. Os *Illuminati*, com sua capacidade de manipular a matéria, erguiam paredes de destroços e lançavam objetos massivos como projéteis. Os *Templários*, por sua vez, entravam nas mentes de seus oponentes, buscando confundi-los ou paralisá-los com ilusões intrincadas.

Uma das cenas mais arrebatadoras ocorreu quando Zayra ergueu os escombros de uma cúpula inteira e a lançou como um meteoro em direção à linha de frente dos *Templários*. Kheron, percebendo o ataque, uniu as mentes de seus aliados em um ato de deflexão coletiva, desviando o projétil colossal para o vazio. Entretanto, o esforço conjunto deixou uma fissura momentânea em sua rede psíquica, uma oportunidade que os telecinéticos não hesitaram em explorar.

Os telecinéticos intensificaram seu ataque, usando a gravidade e a inércia como armas. Eles criaram vórtices de energia que sugavam destroços e os transformavam em lâminas giratórias. Zayra, em um ato de genialidade estratégica, manipulou a configuração molecular do ar ao redor dos *Templários*, criando explosões localizadas que desestabilizavam suas defesas.

Kheron, percebendo que a situação se tornava crítica, recorreu a um golpe desesperado. Ele mergulhou na mente de Zayra, buscando esmagar sua vontade com uma visão aterradora de derrota. No entanto, ao invadir sua psique, encontrou algo inesperado: uma fortaleza mental tão poderosa quanto uma muralha de titânio. Zayra havia preparado sua mente para esse confronto, e, ao reverter a investida, ela aprisionou Kheron em um labirinto de sua própria criação, deixando-o impotente.

Com a queda de seu líder, os *Templários* perderam a coordenação. Os telecinéticos, agora liderados por Zayra em um único grito de comando, desferiram um golpe final. Uma onda de energia atravessou o campo de batalha, desintegrando os resquícios das defesas inimigas.

A batalha chegou ao fim. Zayra ergueu-se sobre o campo devastado, triunfante, mas não sem cicatrizes. Ela sabia que essa vitória era apenas um capítulo em uma guerra maior. Ainda assim, os *Illuminati* haviam provado que a força da matéria, quando guiada por mentes disciplinadas, podia superar até mesmo o mais profundo poder psíquico.

O silêncio que se seguiu era quase ensurdecedor. Sob o brilho rubro das estrelas, os sobreviventes dos *Illuminati* se reuniram em torno de sua líder, renovando seu juramento de proteger o legado de Astra Nova. E assim, no crepúsculo de uma era, o futuro foi reescrito pelas mãos daqueles que ousaram desafiar os limites do possível.

Acordei desse pesadelo tenebroso de sangue e morte... acordei após testemunhar um prelúdio ao novo terror... acordei, ofegante, sentindo o suor frio escorrer por minha testa. Os gritos de Verônica ecoavam ao longe, mas ainda assim me atingiam com urgência, arrancando-me daquele abismo de trevas que me envolvia. Sua voz era como um farol na tempestade, guiando-me de volta ao mundo dos vivos.

Abri os olhos, sentindo o peso de olhares preocupados ao meu redor. Estava no meio da cerimônia, mas o tempo parecia ter se desdobrado de forma estranha e aterradora. Para os que me rodeavam, eu estivera desacordado por meros minutos. Para mim, entretanto, aqueles instantes haviam se estendido como uma eternidade sombria, marcada por horrores indescritíveis.

— Você desmaiou! Verônica disse, ajoelhada ao meu lado, a mão tremendo enquanto segurava a minha.

— Parecia estar... preso em algo. Seus olhos ficaram vidrados, e sua mente... parecia bloqueada, inacessível até mesmo para mim.

Mas aquilo não fora um simples desmaio. Eu sabia o que tinha acontecido. Naqueles momentos, fui arrancado deste plano e lançado em um vislumbre de algo maior, algo que fazia a Consciência Voraz parecer um capricho infantil diante do verdadeiro abismo.

Era o toque de um novo inimigo. Enquanto estava inconsciente, uma presença insondável se manifestou em minha

mente. Era um fragmento de realidade de outra dimensão, um vislumbre de um poder tão vasto e absoluto que me esmagou com sua simples existência. Não havia forma física ou mente individual a ser compreendida, mas uma sensação avassaladora de insignificância me tomou.

Senti como se todo o poder que possuía – minha força telecinética, meu vínculo com Verônica, e até mesmo a unidade recém-criada entre os *Illuminati* e os telepatas – fosse um grão de areia diante de um oceano infinito. Aquela força não apenas me mostrava minha fragilidade, mas parecia deleitar-se em fazê-lo.

— Vocês venceram!

Disse uma voz que não era uma voz, mas sim uma vibração em minha mente, esmagadora e implacável.

— Mas vitória alguma é definitiva. Lembrem-se de que não há fim para o abismo. A guerra é infinita, e vocês não passam de ciscos dançando no vento do destino.

Eu tentei lutar contra a presença. Tentei reunir tudo que era meu, todas as memórias de força, todas as conexões que me faziam humano. Mas era inútil. Aquilo não veio para dialogar, nem para atacar – veio apenas para demonstrar sua supremacia.

Eu retornei ao presente, de volta ao salão da cerimônia, a realidade parecia pulsar de forma distorcida ao meu redor. As vozes preocupadas tornaram-se ruídos distantes, ecoando como murmúrios em um túnel infinito. A sensação de estar sendo observado por algo incomensurável ainda estava presente, como se aquela entidade estivesse se divertindo com a confusão que havia plantado em mim.

— Foi um ataque!

Murmurei, mais para mim mesmo do que para os outros. Minha voz saiu rouca, fraca.

— Um golpe de um inimigo... pior do que a Consciência Voraz.

O silêncio caiu entre os presentes. O conselho, os novos aliados telepáticos, Verônica – todos aguardavam com olhares

carregados de preocupação.

— Eu vi... algo!

Minha voz tremeu enquanto as palavras se formavam.

— Algo de outra dimensão. Um poder que faz o que enfrentamos parecer irrelevante. Essa força me atingiu... para deixar claro que a nossa vitória de hoje... não significa nada.

Verônica segurou meu braço, os olhos dela transbordando de uma mistura de preocupação e incredulidade.

— O que você quer dizer com isso?

Respirei fundo, tentando afastar o peso daquela visão. Mas as imagens estavam gravadas em mim, ardendo como brasas.

— Significa que a guerra não acabou. Significa que... no futuro, talvez não tenhamos tanta sorte.

Em minha mente, que estava fervilhando, uma sombra permanecia. Mesmo agora, podia sentir os resquícios daquela entidade, como um eco persistente. Aquilo não fora um simples aviso; fora um prenúncio de algo muito maior, algo que ultrapassava nossas capacidades de compreensão.

Enquanto a cerimônia continuava, senti o peso da responsabilidade crescer exponencialmente. Se a Consciência Voraz havia sido apenas o primeiro ato de uma longa tragédia cósmica, então o que vinha a seguir exigiria mais do que união, mais do que poder. Exigiria algo que ainda não possuíamos — um entendimento sobre o que significava enfrentar o infinito.

Levantei-me, as pernas ainda trêmulas, mas determinado a não deixar aquele terror me consumir.

— Precisamos nos preparar!

Declarei, a voz ecoando pela sala, cortando o silêncio

pesado.

- O que enfrentamos até agora foi apenas o começo. Há forças lá fora que não podem ser vencidas pela força ou pela razão. Mas precisamos encontrá-las... antes que elas nos encontrem novamente.

Verônica colocou uma mão em meu ombro, sua presença forte e firme, um lembrete de que, mesmo diante da maior das ameaças, eu não estava sozinho.

- Então faremos isso!

Ela disse, os olhos fixos nos meus.

- Juntos!

Mas enquanto seus olhos sustentavam esperança, os meus não conseguiam evitar um pensamento sombrio: o inimigo que vinha em nosso encalço era algo que nem mesmo a união de nossas forças poderia conter. E, mais uma vez, seríamos testados – não apenas como líderes, mas como seres humanos tentando resistir à vastidão do desconhecido.

A guerra havia apenas começado...

Para contribuir com qualquer soma e incentivar o trabalho do autor deste conto, utilize o QR Code abaixo e seu aplicativo perguntará o valor da contribuição desejada:



Alternativamente, utilize o link abaixo para sua doação:

<https://nubank.com.br/pagar/5j3pb/NaVt7UjWcU>

¹ A raiz desse paradoxo reside na intuição equivocada de que o corredor gastaria um tempo mínimo finito para atravessar cada intervalo sucessivo. Como existem infinitos intervalos, o tempo necessário pareceria também infinito. No entanto, essa percepção está incorreta: o tempo necessário para percorrer cada intervalo é proporcional ao comprimento do próprio intervalo, assumindo-se que o atleta mantém uma velocidade constante. Dessa forma, a soma de todos os tempos parciais forma uma série convergente, resultando em um tempo finito para concluir a corrida.

² O Rapid Eyes Movement ou movimento rápido dos olhos, é a fase do sono em que o cérebro fica mais ativo e as funções cerebrais se assemelham à quando estamos acordados.

³ A telomerase é uma enzima responsável por proteger os telômeros, estruturas que recobrem as extremidades dos cromossomos e desempenham um papel fundamental no controle da divisão celular. Essa enzima é produzida por certos tipos de células, como as células-tronco, que precisam se multiplicar constantemente. Considerada uma enzima "anti-envelhecimento", a telomerase ajuda a preservar a juventude biológica das células, impedindo o encurtamento dos telômeros e prolongando sua capacidade de divisão.

⁴ O Limite de Hayflick, descoberto por Leonard Hayflick em 1965, é um mecanismo biológico que limita a capacidade de divisão das células. No caso das células humanas, esse limite é de aproximadamente 52 divisões. Após ultrapassar esse número, as células começam a apresentar sinais de envelhecimento e, eventualmente, morrem. Esse fenômeno é uma das causas do envelhecimento, mas também desempenha um papel crucial na prevenção do câncer, ao restringir a quantidade de vezes que uma célula cancerosa pode se dividir. Na busca por prolongar a vida humana, há atualmente uma extensa pesquisa dedicada a compreender e, possivelmente, superar esse limite.

⁵ $0=4-4$ [—] $1=4/4$ [—] $2=4/4+4/4$ [—] $3=4-4/4$ [—] $4=4$ [—] $5=4+4/4$ [—] $6=4+4/4+4/4$ [—] $7=4+4/4+4/4+4/4$ [—] $8=4+4+4/4$ [—] $9=4+4+4/4+4/4$ [—] $10=4+4+4/4+4/4+4/4$ [—] $11=4+4+4-4/4$ [—] $12=4+4+4$ [—] $13=4+4+4+4/4$ [—] $14=4+4+4+4/4+4/4$ [—] $15=4\times(4-4/4)$ [—] $16=4\times4$ [—] $17=4\times4+4/4$ [—] $18=4\times4+4/4+4/4$ [—] $19=4\times4+4/4+4/4+4/4$ [—] $20=4\times4+4$

[—] $21=4 \times 4 + 4 + 4/4$ [—] $22=4 \times 4 + 4 + 4/4 + 4/4$ [—] $23=4 \times 4 + 4 + 4/4 + 4/4 + 4/4$ [—] $24=4 \times 4 + 4 \times 4/4$
 [—] $25=4 \times (4 + 4/4)$ [—] $26=4 \times (4 + 4/4) + 4/4$ [—] $27=4 \times (4 + 4/4) + 4/4 + 4/4$ [—] $28=4 \times (4 + 4/4) + 4$
 [—] $29=4 \times (4 + 4/4) + 4 + 4/4$ [—] $30=4 \times (4 + 4/4) + 4 + 4/4$ [—] $31=4 \times (4 + 4/4) + 4 + 4/4 + 4/4$ [—]
 $32=4 \times (4 + 4/4) + 4 \times 4/4$ [—] $33=4 \times (4 + 4/4) + 4 \times 4/4 + 4/4$ [—] $34=4 \times (4 + 4/4) + 4 \times 4/4 + 4/4 + 4/4$ [—]
 $35=4 \times (4 + 4/4 + 4/4)$ [—] $36=4 \times (4 + 4/4 + 4/4) + 4/4$ [—] $37=4 \times (4 + 4/4 + 4/4) + 4/4 + 4/4$ [—]
 $38=4 \times (4 + 4/4 + 4/4) + 4$ [—] $39=4 \times (4 + 4/4 + 4/4) + 4 + 4/4$ [—] $40=4 \times (4 + 4)$ [—] $41=4 \times (4 + 4) + 4/4$
 [—] $42=4 \times (4 + 4) + 4/4 + 4/4$ [—] $43=4 \times (4 + 4) + 4/4 + 4/4 + 4/4$ [—] $44=4 \times (4 + 4) + 4 \times 4/4$ [—]
 $45=4 \times (4 + 4 + 4/4)$ [—] $46=4 \times (4 + 4 + 4/4) + 4/4$ [—] $47=4 \times (4 + 4 + 4/4) + 4/4 + 4/4$ [—]
 $48=4 \times (4 + 4 + 4/4) + 4$ [—] $49=4 \times (4 + 4 + 4/4) + 4 + 4/4$ [—] $50=4 \times (4 + 4 + 4)$ [—] $51=4 \times (4 + 4 + 4) + 4/4$
 [—] $52=4 \times (4 + 4 + 4) + 4/4 + 4/4$ [—] $53=4 \times (4 + 4 + 4) + 4/4 + 4/4 + 4/4$ [—] $54=4 \times (4 + 4 + 4) + 4 \times 4/4$ [—]
 $55=4 \times (4 + 4 + 4 + 4/4)$ [—] $56=4 \times (4 + 4 + 4 + 4/4) + 4/4$ [—] $57=4 \times (4 + 4 + 4 + 4/4) + 4/4 + 4/4$ [—]
 $58=4 \times (4 + 4 + 4 + 4/4) + 4$ [—] $59=4 \times (4 + 4 + 4 + 4/4) + 4 + 4/4$ [—] $60=4 \times (4 + 4 + 4 + 4)$ [—]
 $61=4 \times (4 + 4 + 4 + 4) + 4/4$ [—] $62=4 \times (4 + 4 + 4 + 4) + 4/4 + 4/4$ [—] $63=4 \times (4 + 4 + 4 + 4) + 4/4 + 4/4 + 4/4$ [—]
 $64=4 \times (4 + 4 + 4 + 4) + 4 \times 4/4$ [—] $65=4 \times (4 + 4 + 4 + 4 + 4/4)$ [—] $66=4 \times (4 + 4 + 4 + 4 + 4/4) + 4/4$ [—]
 $67=4 \times (4 + 4 + 4 + 4 + 4/4) + 4/4 + 4/4$ [—] $68=4 \times (4 + 4 + 4 + 4 + 4/4) + 4$ [—] $69=4 \times (4 + 4 + 4 + 4 + 4/4) + 4 + 4/4$
 [—] $70=4 \times (4 + 4 + 4 + 4 + 4)$ [—] $71=4 \times (4 + 4 + 4 + 4) + 4/4 + 4/4 + 4/4$ [—] $72=4 \times (4 + 4 + 4 + 4) + 4 \times 4/4 + 4/4$
 [—] $73=4 \times (4 + 4 + 4 + 4) + 4 \times 4/4 + 4/4 + 4/4$ [—] $74=4 \times (4 + 4 + 4 + 4) + 4 \times 4/4 + 4$ [—]
 $75=4 \times (4 + 4 + 4 + 4 + 4/4)$ [—] $76=4 \times (4 + 4 + 4 + 4 + 4/4) + 4/4$ [—] $77=4 \times (4 + 4 + 4 + 4 + 4/4) + 4/4 + 4/4$ [—]
 $78=4 \times (4 + 4 + 4 + 4 + 4/4) + 4$ [—] $79=4 \times (4 + 4 + 4 + 4 + 4/4) + 4 + 4/4$ [—] $80=4 \times (4 + 4 + 4 + 4 + 4)$ [—]
 $81=4 \times (4 + 4 + 4 + 4 + 4) + 4/4$ [—] $82=4 \times (4 + 4 + 4 + 4 + 4) + 4/4 + 4/4$ [—]
 $83=4 \times (4 + 4 + 4 + 4 + 4) + 4/4 + 4/4 + 4/4$ [—] $84=4 \times (4 + 4 + 4 + 4 + 4) + 4 \times 4/4$ [—] $85=4 \times (4 + 4 + 4 + 4 + 4 + 4/4)$
 [—] $86=4 \times (4 + 4 + 4 + 4 + 4 + 4/4) + 4/4$ [—] $87=4 \times (4 + 4 + 4 + 4 + 4 + 4/4) + 4/4 + 4/4$ [—]
 $88=4 \times (4 + 4 + 4 + 4 + 4 + 4/4) + 4$ [—] $89=4 \times (4 + 4 + 4 + 4 + 4 + 4/4) + 4 + 4/4$ [—] $90=4 \times (4 + 4 + 4 + 4 + 4 + 4)$
 [—] $91=4 \times (4 + 4 + 4 + 4 + 4 + 4/4)$ [—] $92=4 \times (4 + 4 + 4 + 4 + 4) + 4 \times 4/4$ [—]
 $93=4 \times (4 + 4 + 4 + 4 + 4) + 4 \times 4/4 + 4/4$ [—] $94=4 \times (4 + 4 + 4 + 4 + 4) + 4 \times 4/4 + 4/4 + 4/4$ [—]
 $95=4 \times (4 + 4 + 4 + 4 + 4 + 4/4)$ [—] $96=4 \times (4 + 4 + 4 + 4 + 4 + 4/4) + 4/4$ [—]
 $97=4 \times (4 + 4 + 4 + 4 + 4 + 4/4) + 4/4 + 4/4$ [—] $98=4 \times (4 + 4 + 4 + 4 + 4 + 4) - 4/4$ [—]
 $99=4 \times (4 + 4 + 4 + 4 + 4 + 4) - 4/4 - 4/4$ [—] $100=4 \times (4 + 4 + 4 + 4 + 4 + 4)$

⁶ Um quadrado perfeito ou número quadrado perfeito é um número natural que se radicado, possui como resultado outro número natural. Ou seja, são resultados da operação de um número multiplicado por ele mesmo.

⁷ Relações de contato entre os dentritos das células nervosas.

⁸ A Itália tem o formato de uma bota.

⁹ Outro nome para designar os aproximadamente mil anos da Idade Média, entre 476 e 1.453.

¹⁰ Uma das mais antigas e difundidas, com raízes no Renascimento. A Maçonaria tem sido alvo de muitas teorias da conspiração, mas sua natureza e objetivos são objeto de debate.

¹¹ Uma sociedade secreta mística, com origens obscuras, que se diz ter sido fundada no século XIV.